

Por Que Devemos Lutar Contra o Comunismo

Cel Art QEMA
FERDINANDO DE CARVALHO

1. O IMPERIALISMO SOVIÉTICO

O crescimento do Império Soviético é um dos fenômenos mais impressionantes da era moderna. A Rússia tem sido derrotada em muitas guerras, mas jamais perdeu uma fração de seu imenso território. Pelo contrário, a projeção geográfica da política russa, desde muitos séculos, é a de uma gradual e incoercível expansão que absorve paulatinamente os seus vizinhos como a mancha de óleo que se espalha em um tecido absorvente.

Quais as razões desse fato?

Será a revelação de uma cultura superior? Ou será o objetivo determinado de uma mentalidade dominadora?

A história do Estado Russo é, em seu conjunto, uma sucessão interminável de tiranias. Seguramente, nenhum povo tem sofrido tanto a opressão através dos séculos, como o povo soviético. A

revolução comunista só pode ser compreendida no contexto de um sombrio cronograma da mais longa escravidão da História.

Façamos um sintético retrospecto.

O que se chama hoje União Soviética é, na realidade, um conjunto de mais de 180 nacionalidades e grupos étnicos, falando uns cento e cinquenta dialetos bastante diversificados. Esse país é o mais extenso do globo. Compreende aproximadamente 22 milhões de quilômetros quadrados, a sexta parte das terras habitadas do planeta. Tem uma superfície de mais ou menos 2,5 vezes a área do Brasil. Sua população é de 250 milhões de habitantes, correspondendo a uma densidade média semelhante à brasileira.

Os russos representam pouco mais da metade da população total do país que abrange ucranianos, cossacos, tártaros, armênios e outros povos numerosos de di-

ferentes origens, desde a mongólica oriental até a eslávica, proveniente de tribos asiáticas e europeias.

A maior parte do mundo soviético tem ascendência eslávica. São tão dispersos e muitas vezes tão isolados os grupos populacionais que muitas colônias ficavam sem quaisquer ligações com o resto do país durante vários anos.

As tribos eslavas estabeleceram-se inicialmente nas margens dos rios Dnieper, Don e Vistula, provavelmente antes da era cristã.

Os bárbaros germanos, melhor organizados, atacaram e submeteram essas tribos. Nessa época, os eslavos eram aprisionados e vendidos como escravos no Império Romano. Daí a origem do termo escravo que provém do baixo latim "sclavu", que significa eslavo. A língua inglesa guardou mais fielmente essa tradição (slave).

Durante nove séculos sofreram esses povos sucessivas invasões de germanos, hunos e viquingues.

No século X, dois monges da Igreja Ortodoxa de Constantinopla propagaram o cristianismo e adaptaram o alfabeto grego para a língua eslávica, traduzindo uma Bíblia para essa língua. Desse fato se origina o atual alfabeto russo.

No século XIII, Gengis Khan, comandando uma horda de ferozes mongóis e tártaros, invadiu a Rússia. Eram guerreiros primitivos e ignorantes que só conheciam a violência. Quando uma aldeia resistia a seus ataques,

massacravam impiedosamente os habitantes, sem poupar velhos, crianças ou mulheres.

Exigiam dos russos grandes contribuições em dinheiro ou em peles. Durante dois e meio séculos escravizaram o país. Após esta amarga dominação, começaram os russos a repelir progressivamente os mongóis.

No início do século XVI, os russos conseguiram expulsar as últimas tribos tártaras. Subiu ao trono Ivan IV, cognominado o Terrível, que expandiu o reino e, como seu nome indica, caracterizou-se como um tirano sanguinário. Possuía uma poderosa polícia secreta e mandava matar a todos os seus opositores. Sua palavra era a lei e a sua concepção despótica do poder do Estado sobre os indivíduos até hoje se reflete na Rússia Soviética.

Vários sucessores da chamada dinastia dos Romanof desfilaram no trono russo. O mais famoso deles foi Pedro, o Grande, que atacou a Suécia e levou o domínio russo ao Báltico. O sonho de Pedro, o Grande, era o que ele chamava "abrir os olhos da Rússia para a Europa", isto é, estabelecer uma ligação efetiva com a Europa Ocidental.

Nessa época, os costumes mongóis predominavam no seio da massa humilde. Através de medidas radicais, Pedro, o Grande, procurou introduzir hábitos europeus. A construção de São Petersburgo, hoje Leninegrado, foi um exemplo de terrível crueldade. A cidade foi levantada sobre uma região pantanosa, por trabalhadores escravizados que mor-

riam às centenas nos locais de trabalho para onde eram levados como gado, sem nenhuma assistência ou recurso.

Pedro, o Grande, criou o costume de enviar para a Sibéria os prisioneiros políticos e criminosos para trabalhar nas minas. Realizou grandes reformas, fundando academias, abrindo estradas, desenvolvendo a ciência, e preocupando-se até com o vestuário popular.

Entretanto, passado o seu reinado, o povo russo não havia na realidade progredido muito e os arraigados hábitos retornaram. Um escritor da época dizia:

“Quarenta anos se passaram, apenas os cumes receberam a luz do Ocidente, os vales imensos jazem ainda nas sombras do passado.”

Entre os czares e czarinas que sucederam a Pedro, o Grande, destaca-se Catarina, a Grande, imperatriz, esposa do czar Pedro III, ao qual mandou eliminar. Catarina permaneceu trinta e cinco anos no trono russo e, tirando partido das divergências entre a Áustria e a Prússia, conquistou grande parte da Polónia, Bielorrússia e Lituânia, anexou a Crimeia e a Geórgia, completou a absorção da Sibéria e estendeu os seus domínios até a Mongólia.

Entre 1812 e 1813, a Rússia foi invadida por Napoleão Bonaparte que capturou Moscovo. Derrotado pelo inverno e pela escassez de viveres, Napoleão foi obrigado a retirar-se. Seu exército de meio milhão de homens foi quase totalmente perdido.

Essa invasão teve, entretanto, grande influência na evolução da Rússia. Os soldados e oficiais que voltavam da guerra procuraram exprimir o seu descontentamento em uma fracassada revolta.

Essa insurreição foi o início das manifestações de insatisfação do povo russo, submetido à feroz opressão dos czares.

A medida em que escravizavam os seus povos, mais se aventajavam os governantes russos em suas ambições de estender os seus domínios. Nicolau II, filho de Alexandre III, que viveu em constante temor dos terroristas, assassinos de seus pais, conseguiu da China permissão para levar a Estrada de Ferro Transiberiana, através da Manchúria, até Porto Artur no Mar Amarelo.

O Tratado de Pequim em 1860, imposto aos chineses, reconheceu a soberania russa em todo o território a nordeste do Rio Amur e em toda a costa até Vladivostok, incluindo direitos de comércio na Mongólia e no Turquestão chinês. A ilha de Sacalina foi tomada em 1875. Os japoneses que controlavam a Coreia, e se sentiram ameaçados com o avanço russo, atacaram, sem aviso prévio, a esquadra russa e a destruíram em Porto Artur. Sucessivas derrotas na guerra que se seguiu e o humilhante tratado de paz a que se submeteu, abalaram o poder do czar e deram origem a desordens e levantes populares.

Em São Petersburgo as tropas de Nicolau II dissolveram a bala, uma passeata de operários, com mulheres, velhos e crianças. As

ruas ficaram ensanguentadas e cheias de cadáveres.

Na primavera de 1905, as revoltas populares foram crescendo. Em julho, os marinheiros do couraçado "Potemkin" se rebelaram, fuzilando os oficiais e içando a bandeira vermelha da revolução.

Apesar da violenta repressão, levantes de operários e soldados surgiram em numerosas cidades.

Lenine, que estava exilado em Genebra, regressou à Rússia para incentivar a revolta.

Em dezembro, desencadeou-se violenta insurreição em Moscou. Levantaram-se barricadas nas ruas. Dominado o movimento, foram fuzilados ou enforcados milhares de pessoas. Outros milhares sofreram torturas e prisões.

O czar dissolveu a Assembléia (Duma) e mandou prender e deportar para a Sibéria grande parte dos seus membros.

Lenine retornou para a Europa Ocidental, a fim de aguardar dias mais favoráveis.

Nova fase de agitações revolucionárias ocorreu em 1912. Nessa época, os bolchevistas, sob a liderança de Lenine, separaram-se dos mencheviques e fundaram o Partido Operário Social-Democrata (Bolchevista) que, posteriormente, recebeu a designação de Partido Comunista (Bolchevista) da União Soviética.

Havia um outro grupo revolucionário, chefiado por Trotski, chamado Bloco de Agosto, que fundou o jornal Pravda, editado

em Viena e enviado secretamente para a Rússia e para toda a Europa.

Em 1914, eclodiu a 1ª Guerra Mundial. A Rússia ingressou no conflito junto aos aliados, mas uma sucessão de derrotas diante dos alemães desmoralizou os seus exércitos e levantou nova onda subversiva.

Nessa época, a corte de Nicolau II era dominada por Rasputin, monge taciturno e devasso que exercia tremenda influência política. Depois de seu assassinato, agravou-se a situação. Conspirações, levantes, manifestações populares se sucediam e se propagavam como incêndio em mata seca. Contaminaram as forças armadas que se sublevaram.

Em março de 1917, ocorreu a queda do czar. A revolução socialista marchava inflexivelmente.

Como costuma ocorrer em quase todas as revoluções, os comunistas não participaram do movimento em seu desencadear. Conforme diz Straus Hipé, os comunistas nunca iniciam a revolução. São realmente os grandes "proveitadores" das revoluções iniciadas por outrem.

Quando o Czar foi deposto a 12 de março de 1917, a maioria dos líderes comunistas estava fora do país. A revolução resultou da deterioração de grandes agitações e movimentos grevistas, com a adesão das forças armadas.

O Czar, preocupado com os problemas da guerra, subestimara a questão interna. A 15 de março

a Assembléa estabeleceu um novo governo, enquanto a família real em fuga, apesar de autorizada sigilosamente pelos novos ministros a retirar-se, foi presa, no trem em que viajava, por ordem do Soviete que disputava o poder com a Assembléa (Duma). A Duma perdeu o prestígio e acabou por cair. Kerenski, nomeado Ministro da Guerra, passou a ser a pessoa mais poderosa do governo.

Todavia, as derrotas sofridas na frente de batalha, com o aniquilamento quase total das forças russas, fez decair o prestígio desse governo. A Alemanha, preocupada com a frente ocidental, não pôde aproveitar o êxito dessa vitória. Lenine regressou do exílio, viajando com o auxílio da própria Alemanha. Lançou a palavra de ordem de que nenhum auxílio devia ser dado ao governo, mas que todo o poder devia ser entregue ao Soviete.

As agitações cresceram, Trotski uniu-se a Lenine, discordando, porém, quanto ao início da revolução armada bolchevista.

Nos últimos dias de outubro, o Soviete reuniu-se e deu a "palavra de ordem" da insurreição. Foram os dez dias que abalaram o mundo. A 7 de novembro o Comité Militar Revolucionário de Petrogrado anunciou a derrubada de Kerenski e a tomada do poder.

Em todo o território do país assinalaram-se lutas e agitações inumeráveis. Tropas inglesas e francesas desembarcaram no norte da Rússia, mas apesar do apoio dos contra-revolucionários

russos, a intervenção fracassou inteiramente. Consolidou-se a revolução comunista. Em dezembro de 1922 fundou-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas que hoje abrange 16 repúblicas federativas.

Instalou-se no país uma violenta ditadura apoiada num poder policial ilimitado. Apesar de derrotada, ensangüentada e sofrida, a Rússia continuava, porém, a expandir-se.

Com a morte de Lenine, pensou-se que seu sucessor seria Trotski. Mas o taciturno Stalin que bajulava Lenine, embora sem conquistar-lhe a simpatia, empolgou o poder. Um ambiente de terror espalhou-se por todo o país. Trotski foi desterrado e assassinado. Kamenev foi executado com um tiro na nuca. Zinoviev foi também preso, torturado e fuzilado. Kirov foi assassinado.

O exourgo militar durou vários anos. Foram fuzilados a maioria dos generais, coronéis e mais de 30.000 oficiais de patente inferior.

A Rússia envolveu-se em uma muralha de isolamento, na qual ninguém penetrava e da qual ninguém saía. Estabeleceu-se um regime de escravidão e opressão, baseado numa eficiente e sangüinária polícia secreta. O Chefe de Polícia Béria foi o grande diretor dessa glória faina.

Uma ofensiva comunista desencadeou-se no mundo inteiro, através da ação dos Partidos Comunistas. Em vários países, inclusive no Brasil, irromperam insurreições com o objetivo de empolgar o poder.

O Comintern era a agência orientadora do Comunismo Internacional.

Durante a época do estalinismo, a União Soviética invadiu a Finlândia, alegando um motivo fútil. A Polónia foi repartida entre a Rússia e a Alemanha Nazista. A União Soviética anexou os três países bálticos (Letónia, Estónia e Lituânia). Muitos dos habitantes desses países foram deportados para a Sibéria. Não

precisamos recordar aqui a expansão soviética após a 2ª Guerra Mundial, através da satelitização de várias nações europeias.

O expansionismo da URSS é atualmente o fenómeno decorrente da universalidade da ideologia comunista, criada por um judeu alemão que paradoxalmente não apreciava os russos, que deles desconfiava e que jamais pensou no desfecho das idéias que engendrou.

(Continua no próximo número)

"O comunismo não é a fraternidade: é a invasão do ódio, entre as classes. Não é a reconciliação dos homens: é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do Evangelho: bane a Deus das almas e das reivindicações populares. Não dá tréguas à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador."

RUY BARBOSA